

AVINA ST. GRAVES

OBSESSÃO DA
MORTE

TRADUÇÃO

Cláudia Aurélio

Aviso de conteúdo

Obsessão da Morte é um romance gótico destinado ao público adulto e, como tal, a maiores de 18 anos. Alerta-se que a obra contém, mas não se limita apenas a:

Perseguição, morte, consentimento dubio, sexo anal, dupla penetração, jogos de impacto, asfixia erótica, doença mental, relação romântica abusiva emocional e fisicamente (não por parte da personagem principal masculina), consumo de medicamentos sujeitos a receita médica, abuso de álcool e drogas, morte de irmãos, morte parental, cancro (exterior à história), perturbação de *stress* pós-traumático, depressão, ansiedade, alucinações, dissociação, acontecimentos traumáticos, pensamentos suicidas, tentativa de suicídio (exterior à história), gravação não consentida de relações sexuais, descrição de um acidente de viação violento.

Agradecimentos

Algumas pessoas perguntaram-me o que inspirou esta obra.

Posso dizer que a resposta se resume a:

1. Queria que um homenzinho assustador me deixasse bilhetes perturbadores enquanto eu dormia;
2. Figuras paternas em forma de sombra são superatraentes;
3. A Lilith é superatraente;
4. PHDA por tratar;
5. Estava a conduzir quando a música «It's Called: Freefall», dos Rainbow Kitten Surprise, começou a tocar e senti, a um nível quase espiritual, o que a letra dizia:

Telefonei ao Diabo e o Diabo disse: «Ei! Porque ligas tão tarde? São, tipo, duas da manhã e os bares fecham todos às dez no Inferno. Foi uma regra que criei. De qualquer forma, dizes que estás demasiado ocupado a salvar os outros para te salvares a ti mesmo. E que não queres ajuda. Oh! Bem. Isso é o que tu dizes.»

Além disto, quero agradecer à minha fantástica equipa de leitores *beta*: V, Sam, Kiza, Pia, Nadine, Jacki, Kayla, Mika,

Mette, Ruby, Nildene e Nika (e também pelo fantástico desenho da caveira). Se pudesse, colocaria um *emoji* muito específico ao lado de cada um dos vossos nomes, mas, infelizmente, seria um pesadelo para a paginação. Agora a sério, este livro não seria o mesmo sem as minhas meninas.

Agradeço especialmente à V, à Sam e à Kiza pelo apoio incondicional a nível emocional, espiritual e físico. Adoro-vos.

Dedicatória

*Para todas aquelas que acham
que o Anjo da Morte seria um deus na cama.*

Nota da autora

Se, por acaso, conhece bem a mitologia grega e sabe latim, peço imensa desculpa. Este livro não será uma fonte de informação fiável.

Playlist

Death's Obsession, no *Spotify*, com a curadoria da minha maior fã, V:

«It's Called: Freefall», Rainbow Kitten Surprise

«Snow White Queen», Evanescence

«Find You», Ruelle

«Moondust (Stripped)», Jaymes Young

«Afterlife», Nothing But Thieves

«The Other Side», Ruelle

«Fear of the Water», SYML

«No Time To Die», Billie Eilish

«I Found», Amber Run

«Flawless», The Neighbourhood

«Heavenly», Cigarettes After Sex

«Mr. Sandman», SYML

«Terrible Thing», AG

«Paint It, Black», Ciara

«Gods & Monsters», Lana Del Rey

«Broken», Lund

«Spiracle», Flower Face

«After Dark», Mr. Kitty

Índice

PRÓLOGO • <i>Morte</i>	15
CAPÍTULO 1 • <i>Lilith</i>	17
CAPÍTULO 2 • <i>Lilith</i>	29
CAPÍTULO 3 • <i>Lilith</i>	47
CAPÍTULO 4 • <i>Lilith</i>	62
CAPÍTULO 5 • <i>Letum</i>	84
CAPÍTULO 6 • <i>Lilith</i>	94
CAPÍTULO 7 • <i>Lilith</i>	106
CAPÍTULO 8 • <i>Lilith</i>	118
CAPÍTULO 9 • <i>Lilith</i>	136
CAPÍTULO 10 • <i>Letum</i>	143
CAPÍTULO 11 • <i>Lilith</i>	150
CAPÍTULO 12 • <i>Lilith</i>	164

CAPÍTULO 13 • <i>Lilith</i>	169
CAPÍTULO DE BÓNUS • <i>Morte</i>	183
EPÍLOGO DE BÓNUS • <i>Lilith</i>	191
SOBRE A AUTORA	199

PRÓLOGO

Morte

Nascimento. Vida. Morte.

Céu. Inferno. Purgatório.

Vou encontrar-te, a bem ou a mal. Não me escaparás. Porque sou *eu*. Porque sou *o fim* de tudo.

Vais fugir. É o que todos fazem. Fogem porque acham que nunca os apanharei. Fogem porque pensam que nunca os encontrarei, caso se escondam muito bem.

Rezas ao teu deus para que não te leve. Suplicas que eu nunca encontre aqueles que amas. Não adianta. Eu estou a chegar.

Podes achar que te perseguirei até ao fim do mundo na minha carruagem, que encostarei os meus lábios nos teus e deixarei o teu corpo descansar em paz. Mesmo que te entregues, vais gritar e lutar pela tua vida. Vais rezar e implorar que ainda não chegou a tua hora, que ainda tens coisas para fazer, mais coisas para conquistar. Dirás que precisas de mais anos na Terra, mas nunca será uma boa hora. Porque o que é a morte em comparação com a vida?

Afirmas que quero a tua alma, que a tua morte só depende de mim. Isso não é verdade. A tua alma só a ti pertence, mas não para sempre.

Eu nunca quis nenhuma alma para mim, até a conhecer.

A minha Lilith. O meu monstro da noite.

Ela é uma tempestade num dia de inverno, e não quero saber se eu nunca mais voltar a ver o Sol.

Ofereceu-me a sua alma, mas devolvi-lha. Não porque não a quisesse. *Oh*, desejava-a tanto como uma flor deseja o Sol, como um rio anseia pelo mar. Quando for buscar a sua alma, não será para a levar para o além. Não. Será para ficar com ela.

CAPÍTULO I

Lilith

Ficas linda a dormir.

Leio o bilhete outra vez. E outra vez. E outra. *Não estou maluca. A carta é real.*

As palavras ficam ainda mais nítidas com o brilho intenso do luar. Seguro o grosso pergaminho castanho com as duas mãos para impedir que volte a enrolar-se. Cada espiral de tinta preta é mais um anel que se enrola com força à volta do meu estômago. As extremidades das letras desvanecem-se no final, como se tivessem sido escritas com uma caneta de pena.

Ele esteve aqui outra vez. A ver-me dormir.

Tive outro episódio de sonambulismo, digo a mim mesma, tal como a doutora Mallory me aconselhou.

Não importa quantas vezes o repita, ou o grite contra a almofada, ou o escreva, não acredito nas minhas próprias palavras. As cartas são reais. Sei que são, ainda que mais ninguém acredite em mim.

Falei com a doutora Mallory sobre o homem que, com o rosto escondido sob as sombras de um capuz, me visitou no dia

do acidente. Depois, começaram a aparecer as prendas. E, depois, as cartas. E os símbolos. Tudo vindo dele. *O Homem sem Rosto*.

Tentei provar à doutora Mallory que as cartas são reais, que não estou a alucinar como ela acha. Na verdade, tentei dizer a toda a gente que alguém me observava e me deixava cartas, mas ninguém acreditou em mim. Achem que são apenas devaneios de uma mulher que enlouqueceu. Quando tirava fotografias às cartas, desapareciam do meu telemóvel. Sempre que as colocava na mala, perdiam-se no vazio, para depois voltarem a aparecer no meu quarto com um bilhete a dizer:

É o nosso pequeno segredo.

Não estou maluca. *Não* estou.

Os presentes que ele deixa são reais. Tal como os símbolos que desenha no meu corpo. Sei que são.

«Comprou flores para si, Lili, e esqueceu-se», explicara a doutora Mallory, ainda que eu nunca tenha gostado de flores.

Quando lhe falei dos símbolos, encontrou outra explicação:

«Teve um episódio de sonambulismo e desenhou-os em si mesma.»

Achei que a doutora devia ter razão, porque o homem nunca me visitava quando eu passava a noite com Evan, nem na casa dele nem na minha. Acordava com frequência de manhã ou na calada da noite ao seu lado e sem nenhuma das marcas que o Homem sem Rosto costumava deixar no meu corpo. Sem cartas na almofada ou na mesinha de cabeceira. Sem nenhuma flor pousada em cima do peito ou da cómoda. Em casa dele,